

1º DE MAIO FEMINISTA TRANSFRONTEIRIÇO

A GREVE VIVE NAS LUTAS



1º de Maio Feminista Transfronteiriço¹ A greve vive nas lutas

Nesta data histórica em que *es*² e as trabalhadoras do mundo na luta por seus direitos, nos convocamos dos feminismos como uma força transfronteiriça e como memória de lutas a um

1º de Maio Feminista Transfronteiriço

Seguimos levantando com força nossas vozes ante a urgência de denunciar juntas e juntas que estamos **ante uma crise da reprodução da vida, que precariza e intensifica ainda mais o trabalho produtivo e reprodutivo** que realizamos as mulheres, lésbicas, travestis, trans, queer e não binárias. Por isso **necessitamos organizarmo-nos e lutarmos juntas e juntas.**

A pandemia mundial de COVID-19 tem visibilizado ainda mais não só a crise capitalista patriarcal, como também a urgência de **transformar a sociedade e suas desigualdades em seu conjunto.** Milhões de trabalhadoras e trabalhadores durante esta pandemia seguem trabalhando nos armazéns logísticos sem proteção e com baixos salários. As pessoas migrantes começam a ser legalizadas seletivamente, só para trabalharem em setores como a agricultura, em dramáticas condições de crise. Milhões de trabalhadoras da saúde e de operárias trabalham sem pausa, com baixos salários e sem condições dignas. Milhares de trabalhadoras domésticas são despedidas sem receber nenhum subsídio. Milhões de mulheres se vêem sobrecarregadas de trabalho de cuidado e milhões de trabalhadores e trabalhadoras informais, das economias populares e precarizadas se encontram sem trabalho. A crise pandêmica mostra claramente que **os trabalhos necessários para a reprodução social são os mais explorados, feminilizados, racializados e precários.**

Por sua vez, o confinamento atual mostra que milhares de mulheres, lésbicas, travestis e trans não podem ficar em casa e resguardar sua saúde por que devem **seguir trabalhando.** Nas que ficam em casa, o sistema patriarcal descarrega o cuidado das pessoas idosas mais vulneráveis e das crianças, sobrecarregando o peso do **trabalho doméstico** para o qual nunca existiu limite de horário nem remuneração. Para muitas, as casas não são lugares seguros porque implica em ficarem expostas diariamente à violência dos opressores. Os **femicídios** e as violências contra as mulheres e contra as personas LGBTQI+ se intensificaram com esta crise, cuja gestão securitária omite esta realidade. Quanto às mulheres com necessidades especiais, cujo cuidado e vida cotidiana estão sujeitos a ritmos muito particulares, seu papel na sociedade é invisibilizado.

Nos negamos a que o futuro se pareça a este presente e nos negamos a voltar à normalidade neoliberal cuja insustentabilidade se revela de maneira indiscutível nesta crise. Lutamos para acabar com o extrativismo, a pecuária industrial e produção de alimentos em larga escala, que subordina todas as espécies vivas e a terra aos lucros do capital.

Lutamos hoje para sobreviver no meio de uma pandemia, mas também nos organizamos agora para **enfrentar**

¹ Tradução Fatima Dias.

² Traduzido do original em espanhol "*les*", artigo que designa gênero não binário.

as consequências de longa duração que isto terá sobre as condições econômicas e vitais de milhões de pessoas no mundo.

Não queremos sair desta “emergência” ainda mais endividadas e precarizadas! Exigimos que a riqueza seja destinada a garantir que nenhuma pessoa fique sem renda nem obrigada a se endividar para sobreviver. A riqueza social será para sustentar a vida e não mais para a apropriação de uma minoria privilegiada. Exigimos que o acesso ao sistema sanitário seja garantido de forma gratuita e que os direitos à saúde mental, sexual e (não) reprodutiva sejam reconhecidos como direitos essenciais, por que o confinamento obrigatório não pode ser uma desculpa para que não possamos **decidir sobre nosso corpo e garantir nossa autonomia**.

Nos bairros populares se organizam barulhaços contra os feminicídios e redes de autodefesa contra as violências machistas. Nas comunidades, as mulheres indígenas, que sempre têm lutado contra a destruição do planeta, estão enfrentando um Estado que aproveita o isolamento para enviar projetos extrativos. Em cada prisão, as pessoas detentas estão denunciando as desumanas condições de reclusão e a ausência de proteção. Por todas as partes, as pessoas migrantes se rebelam à saturação nos centros de detenção e reclamam seus papéis, sem os quais suas vidas, ainda mais com esta pandemia, estão submetidas a condições de maior exploração e violência. Nos armazéns e nas fábricas surgem greves reclamando que só se mantenham as atividades imprescindíveis e em condições dignas.

A greve **feminista** tem sido nos últimos anos a ferramenta que une nossas lutas a nível global e que nos tem permitido **rejeitar a violência patriarcal em sua dimensão estrutural**: em casa, nas ruas, nos locais de trabalho, nas fronteiras. Na greve do último 8 e 9 de março, nos encontramos entupindo as ruas com nossa potência feminista sendo milhões. Durante a pandemia e nos próximos meses, o processo de insubordinação alimentado pela greve feminista converte nosso trabalho reprodutivo em um campo de luta para **contestar a divisão sexual e racista do trabalho** e para exigir a **socialização** do trabalho de cuidado.

Exigimos que todas as **tarefas não indispensáveis para sustentar e cuidar da vida sejam suspensas: Os trabalhos serão para sustentar a vida ou não serão!** Exigimos acabar com a **subordinação, a exploração, a precarização**. Também **que nos forneçam as proteções contra o vírus** nos trabalhos essenciais.

Queremos tudo subvertido para por **fim à violência patriarcal e racista da sociedade neoliberal**, para poder **abortar de maneira segura, livre e gratuita**, para **não endividarmos ainda mais**, para dispor de nossas **liberdades**. O que a greve feminista global nos tem ensinado é que quando estamos juntas somos fortes e agora mais que nunca temos que levantar nossas vozes na mesma direção, para poder evitar a fragmentação que a pandemia parece impor.

Queremos uma **saída feminista transfronteiriça da crise** para não voltar a uma normalidade feita de desigualdades e violências. No dia internacional des e das trabalhadoras, gritaremos toda nossa ira **contra a violência de uma sociedade que nos explora, oprime e mata**.

No 1 de maio mais que nunca dizemos que **nossa vida não está a serviço de seus lucros**.

No dia internacional des e das trabalhadoras afirmamos uma vez mais que a sociedade pode ser organizada sobre novas bases, que é **possível uma vida sem violência patriarcal nem racista e livre de exploração**.